

# COMPREENDENDO A “GUERRA FRIA ISLÂMICA” NO CONTEXTO ATUAL GEOPOLÍTICO

NAKASIMA, Marcio Ricardo (aluno, Relações Internacionais, UNINTER<sup>1</sup>)

MÈRCHER, Leonardo<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente artigo relata do conflito não declarado entre a Arábia Saudita e o Irã. Partindo de uma breve conceituação para colocar o leitor dentro das definições normativas de alguns termos usados, seguido de um breve histórico do conflito, aonde é apresentado que a divisão entre sunismo e xiismo se deu após 200 anos de muitos conflitos entre muçulmanos. Já na Idade Contemporânea, alguns eventos são essenciais para a melhor compreensão das ocorrências atuais, como a Revolução Iraniana, os ataques de 11 de setembro de 2001 e a guerra civil na Síria. É bastante perceptível os interesses de cada país sob o contexto geopolítico atual, somando-se aos interesses de grandes potências mundiais, como os EUA e a Rússia. Certas teorias são bastante significativas para entender as atitudes dos principais atores, como a teoria de Incongruência Identitária e do Realismo Ofensivo. Partindo dos desafios que esse conflito, se observa algumas oportunidades que poderiam ser planejadas e executadas, mas que infelizmente, não se concretizaram. Analisando todo o processo histórico, passado e presente, percebemos que o conflito está longe de cessar, e que devido às forças externas, a situação atual implica em um futuro obscuro e incerto.

**Palavras chave:** Geopolítica. Oriente Médio. Segurança.

---

<sup>1</sup> Universidade Internacional.

<sup>2</sup> Professor, Relações Internacionais, UNINTER.

# 1 INTRODUÇÃO

Nos dias de hoje, somos bombardeados por notícias sobre conflitos no Oriente Médio e seus respectivos atores, internos e externos. Atualmente, as notícias desses conflitos acabam colocando de um lado o Irã e do outro a Arábia Saudita. Geralmente, as notícias desagradáveis são reservadas a Síria e ao Irã. Já em relação a Arábia Saudita e seus aliados, são abordados assuntos menos polêmicos e mais amenos.

Na chamada era da pós-verdade, onde a sociedade, com o uso da internet, acaba preferindo a boatos em vez de fatos, até mesmo governos usam do chamado “fake news<sup>3</sup>” para justificarem seus atos, muitas vezes ilegais diante do direito internacional. Após os ataques de 11 de setembro de 2001 nos EUA, muito se tem usado de notícias falsas, ou falsos pretextos, para a obtenção de opinião pública, e assim sendo usado para justificar, por exemplo, possíveis invasões norte-americanas a países soberanos, sob o princípio neoconservador da “guerra preventiva”. Inúmeros conflitos estão acontecendo na região e suas consequências são catastróficas em vários sentidos (humana, social, política, geopolítica e militar).

Porém, algo muito mais complexo está sendo ignorado pelos grandes meios de comunicação de massa: um conflito ideológico, religioso e geopolítico no mundo islâmico, um tipo de “Guerra Fria Islâmica”. Um conflito que, caso seja melhor compreendido pela sociedade, fará com que a mesma tenha uma visão diferente e relativizada, podendo diminuir a aprovação da opinião pública a qualquer tipo de intervenção militar, direta ou indireta, de países estrangeiros na região. A mesma sociedade pode assim, pressionar seus respectivos governos a trabalharem juntos para resoluções pacíficas dos conflitos.

Materiais de pesquisa e informações ainda são escassos na nossa literatura, por essa razão, a urgência de se escrever e pesquisar a respeito. É necessário um melhor entendimento do assunto para se evitar novas guerras e o agravamento de problemas nas mais diversas esferas. Por isso, os objetivos principais do presente trabalho têm por finalidade preencher essa lacuna, contextualizando brevemente e historicamente o conflito Persa-Árabe,

---

<sup>3</sup> Tradução: notícias falsas

analisando os interesses geopolíticos nos dias atuais e, por fim, avaliando desafios e oportunidades em consequência desse conflito.

## **2 BREVE CONCEITUAÇÃO**

O Islã é a religião que mais cresce no mundo atualmente. Mais do que apenas uma religião, o Islamismo abrange níveis ideológicos, sociais, de segurança, políticos e geopolíticos. Assim, segundo Costa (IBRAHIM, 2011, p. 10), “O Islamismo é um fenômeno espantoso e multifacetado no mundo árabe contemporâneo”. Essa definição do autor demonstra maior contemporaneidade e reflete os acontecimentos atuais que ganham as manchetes no nosso dia-a-dia.

Após os ataques de 11 de setembro de 2001, mais ênfase se deu ao chamado “Islã político”, também chamado de “radicalismo Islâmico” e “movimento Islâmico” (bastante usados pelo ex-Presidente norte-americano George W. Bush). Esse termo começou a ser usado por estudiosos para separar a religião e seus respectivos seguidores dos grupos que usam o Islã para fins políticos.

Para Sonn (2011, p. 11),

Quando os americanos derrotaram Saddam Hussein e ocuparam Bagdá no início de 2003, enfrentaram uma sociedade com um modo completamente diferente de ver a história. Para os americanos, a história se move em progressão linear: o futuro acena promissor e brilhante. Para os árabes, a história do passado ainda inspira e preenche o presente.

Segundo um estudioso, citado por McHugo (2018), o sunismo pode ser entendido somente pela diferenciação do xiismo e vice-versa. Com base no mesmo autor, “Havia duas diferentes concepções de quem deveria exercer a autoridade religiosa entre os muçulmanos, mais ou menos, a partir do momento da morte do Profeta. Isso resultou em uma guerra civil entre os muçulmanos(...)”. De uma forma resumida, o que ficou conhecido como xiitas, defendiam que a liderança da comunidade (ummah) deveria ser atribuído somente ao descendente direto do profeta Maomé. Já os sunitas, defendiam que o líder não necessariamente deveria ter essa ligação.

A Árabia Saudita é um país de maioria sunita e segue a doutrina Wahhabi, que não faz parte das quatro *madhahib* (escolas de pensamento sunita: Hanafi, Shafi'i, Maliki e Hanbali) do sunismo ortodoxo. O Wahhabismo é considerado por muitos da doutrina como uma forma conservadora e extremista do Islã sunita. Para o Wahhabi, xiitas não são considerados como verdadeiros crentes. O Irã é um país xiita que, após a Revolução Islâmica, começou a usar mais da retórica xiita para justificar atos internos e externos. A visão do Ayatollah Khomeini era anti-monárquica e anti-ocidental.

A definição de “Guerra Fria Islâmica” utilizada aqui, provém da caracterização do período marcado pelo conflito indireto das duas superpotências que emergiram da Segunda Guerra Mundial: os EUA e a URSS. Segundo Hobsbawn (1995, p. 224), “a Segunda Guerra mal terminara quando a humanidade mergulhou no que se pode encarar como uma Terceira Guerra Mundial, embora uma guerra muito peculiar.” O período mencionado contém algumas semelhanças com o conflito persa-árabe: um conflito marcado por “guerras por procuração” (“proxy wars”, em inglês).

Em meio a tantas informações e desinformações (guerra da informação), em um emaranhado e conflituoso cenário geopolítico, se coloca em xeque diferentes atores e seus respectivos objetivos. Da luta pela hegemonia na região às guerras por petróleo, chamado de “Petro-wars<sup>4</sup>”, ou também de “Liquid War<sup>5</sup>”, termo de Pepe Escobar (2014), que diz respeito a guerras que colocam em disputa não só o petróleo, mas também o gás e toda a sua infraestrutura de canos que os distribuem.

### **3 ANÁLISE HISTÓRICA E GEOPOLÍTICA**

#### **3.1 BREVE HISTÓRICO**

Ao contrário do que se pareça, essa divisão sectária do Islã não aconteceu da noite para o dia. Segundo McHugo (2018), “É em um período de dois séculos que (...) conseguimos observar a cristalização do sunismo e xiismo como rivais sectarios”. Nesses dois séculos houveram diversos conflitos

---

<sup>4</sup> Tradução: Guerra pelo Petróleo

<sup>5</sup> Tradução: Guerra Líquida

diretos e indiretos pela busca de poder e domínio, entre tribos e seus respectivos líderes, para se obter o reconhecimento de guia, líder ou escolhido do profeta Maomé: tribos se uniram e outras foram dominadas, impérios foram invadidos, tribos e comunidades inteiras se convertendo para o Islã e conflitos de interesses dividiam comunidades novamente. Entre esses impérios que caíram, se encontrava o Império Sassânida (último Império Persa pré-islâmico), invadido pelo exército Árabe-Islâmico liderado por Umar durante um período de vasta expansão do mesmo. Assim, as tensões entre Árabes e Persas cria suas raízes no passado, decorrente das atividades e conquistas militares através da região.

Outro fato que merece destaque é a queda do Império Otomano, esses que foram “responsáveis pelo estabelecimento de uma dominação feudal militar” (VISENTINI, 2014, p. 6) no Oriente Médio e que “reunificaram o mundo mulçumano, empregando o turco como língua administrativa e gerindo um Estado Islâmico desnacionalizado” (VISENTINI, 2014, p. 6). Esse teve que combater para continuar sua política de expansão, abrindo duas frentes: uma na Europa e outra no Oriente Médio, lugar onde tiveram que lutar contra o Império Safávida, que identificavam-se como uma ordem especificamente xiita. Muitos Estados, fracos e vulneráveis, se formaram com a queda dos Otomanos, no fim da Primeira Guerra Mundial, abrindo caminho para a intervenção do Imperialismo Europeu. Após o fim da guerra, vale destaque o acordo secreto Sykes-Picot, que dividiria o Crescente Fértil<sup>6</sup> os ingleses e franceses.

O relação entre sauditas e iranianos na Idade Contemporânea pode ser dividido em dois períodos: pré e pós Revolução Iraniana de 1979, no Irã. Nesse contexto, há de se levar em consideração que o papel de ator sunita principal não se resumia apenas a Arábia Saudita, mas também ao Iraque, considerada potência sunita até a invasão norte-americana após os atentados terroristas de 11 de setembro nos EUA.

Delimitando o período pré revolução, a partir de 1929, as relações entre ambos os Estados era amigável. Foram assinados tratados pacíficos e ambos cooperaram juntos para a criação de instituições e organizações

---

<sup>6</sup> Região que abrange o Egito, Israel/Palestina, Jordânia, Líbano, Síria e Iraque

Islâmicas de diálogo e cooperação como a Organização de Conferência Islâmica<sup>7</sup>. Quando o Reino Unido se retirou do Golfo Pérsico no final dos anos 60, iranianos e sauditas trabalharam juntos, se responsabilizando pela paz e segurança na região. Em 1968 ambos assinaram um tratado de demarcação territorial. Durante os anos 70, os sauditas se preocuparam com a rápida modernização militar dos iranianos e a reintegração de algumas ilhas pertencentes aos Emirados Árabes Unidos.

A Revolução Iraniana foi um movimento popular contra a monarquia do xá Pahlevi, que depois de ser reinstaurado ao poder após um golpe (organizado pela CIA) contra o Primeiro Ministro Mossadeq, usou de poderes ditatoriais para impor reformas, que segundo Catherwood (2006, p. 213),

(...) considerariamos como boas ideias - empoderamento da mulher, tecnologias modernas e literatura, entre os principais objetivos. Mas elas não foram introduzidas pela democracia como na vizinha Turquia, mas sim por um monarca absoluto que não compartilhava o poder dele com pessoas ordinárias.

A revolta se deu também por conta da forte influência dos EUA, da corrupção do xá e do uso extremo da força, como a criação de uma polícia secreta, o SAVAK. Após a Revolução Iraniana, a relação entre ambos sofreram uma brusca deterioração, com os sauditas temendo algo similar em seu território, ou o levante da minoria xiita, somado o desejo dos iranianos de “exportar” a revolução para esses países de maioria sunita.

O período pós revolução se caracterizou, principalmente, por três “Guerras do Golfo”: a guerra Irã-Iraque em 1980, a invasão do Iraque ao Kuwait e a respectiva resposta dos EUA; e a invasão norte-americana ao Iraque após os atentados terroristas de 11/09. Uma definição da primeira pode ser facilmente caracterizada pela repetidas vezes em que Saddam Hussein se pronunciou a respeito do conflito, sendo uma guerra lutada em nome dos Estados Árabes contra o expansionismo Persa. Quando o Iraque começou a demonstrar estar perdendo o conflito, os sauditas ajudaram os Iraquinos a manterem seu território, formando uma barreira natural contra o Irã. O segundo conflito teve como característica a rápida e forte resposta dos EUA contra o Iraque e uma presença militar norte-americana considerável na região.

---

<sup>7</sup> Sigla em inglês, OIC – Organization of Islamic Cooperation

A larga presença de forças americanas na Arábia Saudita é usada como retórica pelo Irã para deslegitimar o Reino Saudita e continuamente rotulá-los como traidores do Islã, e conseqüentemente, deslegitimar os sauditas como os detentores de Medina e Mecca. Segundo Mabon (2018),

Para o Iran, a forte presença norte americana distorce a ordem natural de relacionamento regional. Disputas de natureza regional de segurança permanece central para o entendimento da rivalidade entre Arábia Saudita e Irã.

O terceiro conflito do golfo reforça as conseqüências do segundo e, com a derrota de Saddam Hussein, sua captura e posteriormente sua morte, resulta em um vácuo de poder regional, caracterizado por uma redistribuição e disputa de poder entre iranianos e sauditas. A queda do Iraque era algo que Irã e Arábia Saudita não queriam, pois para os iranianos, a queda aumentaria a expansão militar americana na região, e para os sauditas, a queda significaria o fim da barreira natural contra o Irã. Para a minoria xiita no Iraque, Nasr (2006) descreve,

“(...) dois milhões de xiitas se juntaram na cidade iraquiana de Karbala para lembrar o Arbæen, a comemoração o décimo quarto dia depois do martírio do santo xiita Iman Husayn em Karbala no ano 680 d.c. Saddam Hussein havia banido esses encontros por anos. (...) Iraquianos estavam livres – livres para serem Xias, livres para desafiar o poder e a concepção sunita de “verdadeira muçulmano”; livres para recuperar a fé de mil anos.”

Com a eleição de Mahmoud Ahmadinejad no Irã em 2005, ficou claro uma mudança na postura da política externa iraniana: os iranianos se voltavam agora para a chamada “Arab Street”, nome dado aos que seriam países árabes não necessariamente xiitas, mas que se alinhavam com a conduta iraniana perante temas negligenciados pelos sauditas, como por exemplo o conflito de Palestinos e Israelenses. Com o Irã se mostrando como o único país a desafiar os atos Israelenses contra a Palestina, os iranianos ganharam a confiança desses países árabes, minando a legitimidade dos sauditas como liderança Islâmica.

Outros dois acontecimentos, merecem ser destacados, pela sua forte influência na região: a “guerra ao terror” norte americana, que intensificou a presença das forças armadas dos EUA na região e a “primavera árabe”, em

2011, que abriu espaço para guerras civis na Líbia, Síria e Iêmen, as duas últimas caracterizadas pelo apoio de sauditas e iranianos a lados opostos. Em particular, a “primavera árabe” foi um evento que colocou os reinos do golfo em pânico, pois a desestabilização social e a revolta do povo contra seus líderes era algo que os monarcas da região mais temia. Com efeito, a resposta dos governos desses países foram fortemente opressivas com o uso extremo da força policial, principalmente nos países do golfo e no Irã. Também em 2011, sob a luz do mesmo evento, aconteceu a revolta dos xiitas no Bahrein, na qual colocou, pela primeira vez, forças militares da aliança do CCG<sup>8</sup> chamada de “Escudo da Península”, para estabilizar a situação e assegurar que o monarca Khalifa continuasse no poder.

### 3.2 TEORIAS

Historicamente, os xiitas se caracterizam pela defesa das minorias oprimidas, devido ao histórico de perseguição que os mesmos sofreram nos antepassados, o que levou o Líder Supremo iraniano, Ayatollah Khomeini, ao uso da retórica de ser o “inimigo para os opressores (mustakbarin) e ajudante dos oprimidos (mustazefin)” para exportar a revolução. Vale ressaltar que o Oriente Médio é composto por diversos grupos com suas respectivas culturas e identidades, não se resumindo apenas em muçulmanos xiitas e sunitas. A Arábia Saudita é caracterizado principalmente por um povo de maioria sunita e uma minoria xiita, e o Irã é composto por uma maioria xiita e outras diversas etnias minoritárias: judeus, cristãos, azeris, kurdos, etc. Com base nessa ligação identitária, étnica e religiosa entre os Estados da região, é possível a influência de um Estado sobre o outro, com base no comportamento e tratamento que cada Estado tem sobre as minorias. Mabon (2013), usa a frase “incongruência identitária” para descrever esse emaranhado de diferentes culturas e etnias que influenciam a atuação e o comportamento dos Estados, provocando uma resposta dos mesmos contra o anterior, resultando em um dilema de segurança interno e externo. O grande medo dos Estados de maioria

---

<sup>8</sup> Sigla para Conselho de Cooperação do Golfo



sunita era que a Revolução Iraniana fosse impulsionar instabilidade e revolta das minorias xiitas em seus respectivos territórios.

Nasr (2006) descreve,

O conflito xiita-sunita é, ao mesmo tempo, uma luta pela alma do Islã – uma grande guerra de teologias rivais e concepção da história sagrada – e uma manifestação do tipo de guerras tribais de etnias e identidades, aparentemente arcaicas, ainda assim, surpreendentemente vital, com a qual a humanidade se tornou cansadamente familiar. (...) Não é apenas uma antiga disputa religiosa, um conjunto fossilizado dos primeiros anos do desdobramento do Islã, mas um choque contemporâneo de identidades.

Muitos autores classificam as raízes dessa rivalidade sugerindo que a natureza antagonica dessa relação é em consequência de eventos históricos entre Árabes e Persas, ou sunitas-xiitas, com ligações diretas a ideologia e religião. Não se pode negar que nas entre linhas desse conflito religioso e ideológico há, com efeito, um teor político (interno entre os muçumanos) e geopolíticos (entre Estados muçumanos e seus respectivos aliados não muçumanos) muito forte e com consequências devastadoras.

Na minha concepção, concordo que, baseado em Anoushiravan Ehteshami, citado por Mabon (2013), este conflito é de natureza contemporânea, e as tensões entre esses Estados são consequência do processo de criação do Estado e do surgimento do sentimento nacionalista. Lembremos, para comparação, que boa parte da Europa se consolidou territorialmente e encontrou maior estabilidade essencialmente após a “Guerra dos 30 Anos”, terminando com o acordo assinado da Paz de Vestfália, que contou com o entendimento das partes de premissas basilares que nós temos hoje, como o princípio de soberania e estado-nação. Essa guerra começou como uma disputa religiosa entre católicos e protestantes que, com o passar do tempo, desviou do viés religioso para o viés geopolítico. A delimitação territorial dos Estados no Oriente Médio na Idade Contemporânea se deu boa parte com a interferência de países europeus colonizadores, que acabaram dividindo povos inteiros, contribuindo para a chamada “incongruência identitária”.

Outra teoria que se pode destacar é a do Realismo Ofensivo, que segundo Salomón (2016, p. 36)

(...) parte do pressuposto de que o principal objetivo dos Estados, e sua melhor garantia de sobrevivência, é alcançar a hegemonia sobre os demais Estados. (...) Como obter a hegemonia no planeta é uma tarefa extremamente difícil e custosa, muitos Estados tentam se tornar potências hegemônicas regionais, dominando sua própria área geográfica. Uma vez que obtêm esse status de hegemonia regional, tentam impedir que outros Estados se tornem também hegemones em outras áreas (...)

Nesse sentido, sem interferência externa, o conflito seria a natural disputa pela hegemonia entre ambos, algo que fez parte da história da civilização europeia, resultando em conflito direto e posteriormente um acordo de paz, com a aceitação dos termos de ambos os lados, entendendo que o mesmo teria um custo mais aceitável do que a continuação do confronto bélico.

### 3.3 CONTEXTO GEOPOLÍTICO ATUAL

As teorias apresentadas anteriormente são válidas, porém, devemos adicionar mais uma variável: globalização. Se o conflito Árabe-Persa pode ser entendido como uma guerra fria entre duas nações que buscam a hegemonia política, religiosa e ideológica no Oriente Médio, essa mesma sofre a influência de atores não muçulmanos que também disputam hegemonia, no entanto, em âmbito global.

Para muitos estudiosos, a Guerra Fria terminou com a queda do muro de Berlim e o fim da União Soviética. Após o suposto fim do conflito, era de se esperar por uma hegemonia dos EUA, caracterizado por um mundo unipolar; e a desmilitarização, congelamento ou diminuição do espectro da OTAN<sup>9</sup>. Mas se observou o contrário ao longo dos anos: a OTAN continuou o processo de expansão, se viu o surgimento de novos Estados com bastante influência no sistema internacional, assim como, o surgimento de mais Organizações Internacionais, blocos econômicos e atores não estatais. Mesmo com o fim da USSR, a Rússia ainda é um importante ator no sistema internacional, juntamente com a China, a UE e os EUA. Desde o fim da Guerra Fria, vem se observando um acirramento no conflito de interesses de dois blocos: de um lado EUA e UE; e do outro, Rússia e China.

---

<sup>9</sup> Sigla para Organização do Tratado do Atlântico Norte

Podemos observar claramente como o conflito de interesses das potências mundiais influenciam as relações internacionais no Oriente Médio ao analisarmos a recente guerra civil na Síria. Por um lado temos o seguinte entendimento: Irã é considerado o inimigo principal dos EUA e da Arábia Saudita no Oriente Médio; os sauditas são aliados dos EUA; a Síria é um forte aliado e “braço direito” do Irã; Irã e Síria são considerados inimigos de Israel; Israel é um forte aliado dos EUA; junto dos EUA, se tem, em teoria, a OTAN e UE. Antagonico a essa situação, podemos observar a influência do outro bloco da seguinte forma: Irã e Síria são aliados da Rússia e China; Irã é um membro observador da SCO<sup>10</sup>; logo, Rússia e China, que já têm um papel de oposição ante os EUA e seus aliados no sistema internacional, se encontram também dentro dessa guerra civil na Síria com seus respectivos interesses na região. Desde 2015, a convite dos Sírios, a Rússia vem trabalhando em conjunto com o Bashar Al-Assad, efetuando apoio com ações militares, em grande parte, via ar, com bombardeiros e lançamento de mísseis do mar. Os EUA também se encontram em território Sírio, de forma ilegal, supostamente para apoiar os chamados “rebeldes moderados” a combater o ISIS e a Al-Qaeda. Tal presença de russos e americanos em território sírio, teoricamente em lados opostos, coloca em risco o surgimento de uma guerra em escala global. Voltando para a influência Árabe-Persa ao conflito na Síria, é importante mencionar que, o começo do conflito civil se caracterizou pela influência da “Primavera Árabe” e a formação da FSA<sup>11</sup>, este, composto por desertores do exército Sírio. Com o passar do tempo, surgiram vários outros grupos influenciados por diversos atores, incluindo o ISIS e braços armados ligados a Al-Qaeda, que passaram a atuar ativamente no conflito, deixando o mesmo ainda mais complexo, devido a influências de Estados como a Arábia Saudita e Estados Unidos, apoiando os chamados “rebeldes moderados”, a Turquia apoiando os turcomenos e o Irã, juntamente com a Rússia, apoiando o governo de Bashar Al-Assad. O conflito já se estende por mais de oito anos, e ,segundo o Observatório Sírio de Direitos Humanos, atinge a marca de possivelmente

---

<sup>10</sup> Sigla em inglês para Shanghai Cooperation Organisation – Tradução: Organização para Cooperação de Xangai

<sup>11</sup> Sigle para Free Syrian Army – Tradução: Exército Livre da Síria

500.000 mortos e provocou uma das maiores crises imigratórias de toda a história.

O recente conflito no Iêmen é a mais recente guerra civil no Oriente Médio, que, supostamente, coloca em lados opostos, sauditas e iranianos. De forma breve, o embate é entre o governo lemenita e movimento armado dos Houthi, grupo xiita-zaidi. Desde o início do conflito em 2015, o governo, liderado pelo então presidente Hadi, vem recebendo total apoio dos sauditas, incluindo ações militares caracterizadas por bombardeios em regiões altamente populosas efetuadas pela Força Aérea Saudita. Essas ações foram duramente criticadas pela comunidade internacional. Apesar do movimento Houthi ser xiita, e acusado pelos sauditas de receberem apoio direto do Irã, segundo a porta-voz do Conselho de Segurança Nacional dos Estados Unidos, Bernadette Meehan, o Irã não exercera controle e comando sobre os Houthis no Iemen. O conflito, que se iniciou em 2015, já provocou cerca de 50.000 mortos, segundo o órgão ACLED<sup>12</sup>, citado por Washington Post (2018). Além de mais uma crise imigratória, o país sofre com a fome, que, segundo o órgão “Save the Children”, citado por Chicago Tribune (2017), cerca de 50.000 crianças morreram de fome em 2017 no Iêmen.

O projeto nuclear iraniano é mais um tema que compõe as discussões entre as maiores potências mundiais e que tem impacto direto na região, especialmente em Israel e Arábia Saudita. O programa foi iniciado nos anos 50 e teve a ajuda dos EUA, como parte do projeto “Átomos para a Paz”, e alguns países do leste europeu. A cooperação foi terminada após a Revolução Iraniana e retomada nos anos 90 com a ajuda da Argentina, França e Rússia. A possibilidade de Teerã ter armas nucleares desencadearia uma corrida armamentícia sem precedentes no Oriente Médio, levando em conta que Israel é a única potência nuclear da região e a Arábia Saudita teria meios para um rápido desenvolvimento de um programa nuclear para fins bélicos. Iranianos e sauditas apoiam uma zona livre de armas nucleares no Oriente Médio. Apesar de Irã fazer parte do Tratado de Não Proliferação e da Agência Internacional de Energia Atômica, Israel acusa o país de ter um programa secreto de armas nucleares. O tema é tão preocupante para israelenses e saudias que há um

---

<sup>12</sup> Sigla para Armed Conflict Location & Event Data. Tradução: Local de Conflito Armado e Dados de Evento

acordo informal entre ambos os países, algo difícil de imaginar a 30 anos atrás, devido aos vários desentendimentos entre árabes e judeus na região. Segundo o governo iraniano, seu projeto nuclear é para fins pacíficos e que o Islã proibiria o país de ter tais armas. Recentemente, o presidente norte-americano Donald Trump saiu unilateralmente de um acordo bem sucedido assinado pelo seu antecessor, ex-presidente Barak Obama e o Grupo P5+1<sup>13</sup>. De forma peculiar e nova, observamos um desvio de conduta dos países europeus aliados aos EUA, que não concordaram com a saída dos americanos e que estão criando alternativas para continuarem o comércio bilateral com o Irã, mesmo com a imposição de sanções pelo governo norte-americano. Mais uma vez observamos como a disputa de interesses dos blocos antagonistas influenciam assuntos do Oriente Médio e são influenciados pelo mesmo.

A recente crise diplomática do Qatar que começou em junho de 2017 também merece ser destacado, pois coloca não apenas os sauditas e iranianos no primeiro plano, mas também os EUA, aliado de ambos cataris e sauditas. Uma coalizão liderada pelos sauditas acusou o Catar de apoio e financiamento a grupos terroristas como a principal causa da crise. A coalizão também criticou o canal de TV Al Jazeera e as relações do Catar com o Irã. Acusações sobre o apoio causaram estranheza para os estudiosos, já que os próprios sauditas supostamente estariam fornecendo ajuda a grupos terroristas na Síria. A coalizão banuiu aeronaves e navios de entrarem em espaço aéreo e rotas marítimas, juntamente com o bloqueio da única travessia terrestre com a Arábia Saudita. Tanto os sauditas como os cataris são aliados dos EUA. O Ministro de Relações Exteriores do Catar criticou a ação, dizendo que as declarações dos sauditas foram contraditórias. Realmente, ao analisarmos os atores e seus respectivos interesses no conflito sírio, não faz sentido acusar o Catar de apoiar o Irã e financiar grupos sunitas na Síria que lutam contra o governo. Alguns países, incluindo Tuquia, Rússia e Irã, pediram para que a crise fosse resolvida por negociações pacíficas.

Em outubro de 2018, em visita a Arábia Saudita, o presidente norte-americano Donald Trump deu um parecer, em que disse que os sauditas não durariam duas semanas sem a proteção dos EUA. Em uma ação peculiar, o

---

<sup>13</sup> Grupo formado pelos cinco membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas e mais a Alemanha.

Ministro de Relações Exteriores iraniano Mohammad Javad Zarif, escreveu em sua conta de rede social:

“Presidente Trump repetidamente humilha os sauditas, dizendo que eles não durariam duas semanas sem o apoio norte-americano. Essa é a recompensa pela ilusão de que a segurança pode ser terceirizada. Mais uma vez, estendemos a mão para nossos vizinhos: vamos construir uma “região forte” e parar com essa vaidade.”

Tal frase foi escrita algumas semanas depois de um ataque terrorista no Irã, na cidade de Ahvaz, onde atiradores abriram fogo contra uma parada militar matando cerca de 25 pessoas. O governo iraniano prontamente acusou os governos de Riade e Washington pelo ataque.

#### **4 DESAFIOS E OPORTUNIDADES**

Seria essa simples frase do ministro iraniano uma demonstração de que o Irã estaria disposto a deixar de lado essa “Guerra Fria Islâmica” para equilibrar as disputas de poder contra um ator realmente mais tendencioso como os EUA? Com efeito, uma aliança entre as duas grandes potências Islâmicas surtiria uma grande onda de choque, não apenas na região, mas no mundo inteiro, mas a probabilidade que isso ocorra é muito pequena no curto prazo.

Mabon (2013), lista cinco pontos para uma melhor relação desses dois países e conseqüentemente maior estabilidade na região: a resolução de problemas domésticos, maior aceitação e tolerância das diferenças entre sunitas e xiitas, conter o comportamento de ambos na região, reconsiderar a função dos EUA no Golfo Pérsico e a resolução do programa nuclear iraniano.

Certamente que a resolução dos problemas internos de cada país, principalmente no Irã, que como vimos anteriormente, contém uma diversidade maior de etnias minoritárias, ajudaria no processo de estabilização das relações entre ambos. Historicamente, a ação opressiva dos governos contra as minorias étnicas sempre acaba tendo o efeito oposto do desejado. Com efeito, ao invés de restringir essas minorias, seria melhor promoção da igualdade entre as diversas etnias no Irã. Tal ação, provocaria uma maior coesão social para com o Estado como um todo, porém, pode provocar o

desentendimento da maioria xiita para com o governo. Concordando com Mabon (2013), “A resposta a esse desafio tem a capacidade de tanto unir como dividir a população”. Tal mudança poderia ser lenta, mas com ambos os países se dedicando a essa causa, haveria também um aumento na aceitação e tolerância dentre as doutrinas sunita e xiita. Com o aumento gradativo do respeito e confiança entre os sauditas e iranianos, as ações de influência na região iriam diminuir, assim como o programa nuclear iraniano não seria mais um problema para os sauditas, mas deixaria os Israelenses ainda mais tensos. Lembrando que, as ações desses atores sofrem uma influência muito grande de países como Israel, EUA e Rússia. Com isso em mente, chegamos ao ponto mais difícil de ser resolvido, conforme listado pelo autor: a função dos EUA na região. A região do Oriente Médio é estratégica para os norte-americanos, não somente pela riqueza de recursos naturais que ali se encontram, como o petróleo e o gás natural, mas também pela posição geográfica, que dá as forças armadas da OTAN pronta defesa dos aliados assim como um potencial ataque contra os Russos e Chineses. A história nos mostra também que, aqueles que não “jogam o jogo” dos norte-americanos acabam sendo depostos, por golpes ou pela força militar. Como Mabon (2013) também descreve,

Dada a importância estratégica do Oriente Médio para os EUA, a reconsiderada da função teria que vir de Washington, o que significa que um aspecto fundamental da rivalidade permanece além do controle de sauditas e iranianos.

Uma possível aliança entre a Arábia Saudita e o Irã colocaria também em xeque a doutrina de segurança de Israel. Sabendo que o mesmo tem um forte lobby nos EUA, possivelmente levaria a uma mudança de postura dos norte-americanos e conseqüentemente dos Russos e Chineses em seguida. Nesse contexto, vale lembrar das declarações do então candidato a presidência dos EUA, Donald Trump, de que sua política externa relacionada a Síria seria de uma aliança incondicional com a Rússia para combater o ISIS e que deixaria de lado as políticas de “regime change”. Como sabemos, após sua eleição, essa promessa não se concretizou, e a Síria ainda vive uma guerra civil com os EUA apoiando um lado e a Rússia apoiando o governo sírio.

Talvez, mais do que a convergência de vontades de sauditas e iranianos, a região dependa mais de uma convergência de EUA e Rússia para estabilizar a região.

Na Europa, a crise migratória que assola o continente é outro desafio que o mundo vive, em que suas origens se encontram nas guerras civis no norte da África e Oriente Médio. Concordo com estudiosos afirmando que tal crise não existiria caso as guerras, principalmente na Líbia e Síria, não tivessem acontecido. Em ambos os casos, esses conflitos civis tiveram forte influência negativa do Ocidente; e forte influência religiosa e geopolítica dos países do Oriente Médio. Essa crise deveria servir de oportunidade para que os países da Europa se unissem para acabar com as guerras na região, principalmente na Síria, deixando de lado o aspecto estratégico geopolítico. Mas infelizmente, pelo contrário, os conflitos continuam, a crise aumenta e cresce um sentimento de insatisfação dos povos europeus, que se sentem ignorados pelos seus governantes. Essa situação de indignação dos povos europeus está abrindo um caminho para o nacionalismo, aonde presidentes de extrema direita estão sendo eleitos na Europa, situação similar se alastrando ao redor do mundo, por diferentes motivos.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Hoje, somos bombardeados por notícias relacionados a conflitos no Oriente Médio e no norte da África, mas pouco se entende sobre as muitas facetas dos mesmos. Estudando o histórico do conflito, suas origens e peculiaridades, conseguimos identificar as razões pela qual ela se alastra por tantos anos e conseguimos abranger a percepção de que não há, de fato, o “bem” contra o “mau” nessa guerra. Analisando empiricamente eventos recentes, observamos também a complexidade do tema e as influências que a geopolítica global tem na região, em um já conflituoso Oriente Médio.

Os interesses das grandes potências são claras, e infelizmente, essa guerra fria não será resolvida por conta apenas desses dois atores regionais. Muito pelo contrário: o que se percebe é que o conflito entre sauditas e iranianos só poderia ser resolvido se houvesse uma pressão grande de países como EUA e Rússia, unidos, por um bem comum. Com a ascensão de uma



direita mais forte nos EUA e em alguns países da Europa, uma eventual união de forças para essas causas mais humanitárias parece mais distante, considerando o fato de que nenhuma dessas lideranças assumiu alguma responsabilidade nas guerras do Oriente Médio e norte da África, que seriam as causas da crise migratória.

Ao mesmo tempo, questões internas desses países está criando um clima de nacionalismo nunca visto antes desde o fim das duas grandes guerras, deixando de lado o humanitarismo, que conseqüentemente mata milhões de pessoas no Oriente Médio e África. O futuro da região do Oriente Médio é opaco, e se converge com o amanhã do resto do mundo, que a cada dia que se passa, gera mais incertezas e medo.

## REFERÊNCIAS

CATHERWOOD, C. **A Brief History of the Middle East**. Londres: Running Press, 2006.

ESCOBAR, P. **Empire of Chaos**. Michigan: Nimble Books, 2014.

HOBSBWAN E. **Era dos Extremos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IBRAHIM M. ABU-RABI. **O Guia Árabe Contemporâneo sobre o Islã Político**. São Paulo: Madras, 2011. SONN, T. **Uma Breve História do Islã**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

MABON, S. **Saudi Arabia and Iran: Power and Rivalry in the Middle East**. London: I. B. Tauris, 2013.

McHUGO, J. **A Concise History of Sunnis and Shi'is**. Washington, DC: Georgetown University Press, 2018.

VISENTINI, P. **O Grande Oriente Médio**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.

CHICAGO TRIBUNE – EUA. **Reportagem**. Disponível em: <<https://www.chicagotribune.com/news/nationworld/ct-save-the-children-yemen-20171116-story.html>>. Acesso em: 16 nov. 2017.

WASHINGTON POST – EUA. **Reportagem**. Disponível em: <[https://www.washingtonpost.com/world/the-deadly-war-in-yemen-rages-on-so-why-does-the-death-toll-stand-still-/2018/08/02/e6d9ebca-9022-11e8-ae59-01880eac5f1d\\_story.html?utm\\_term=.2b9c9b089451](https://www.washingtonpost.com/world/the-deadly-war-in-yemen-rages-on-so-why-does-the-death-toll-stand-still-/2018/08/02/e6d9ebca-9022-11e8-ae59-01880eac5f1d_story.html?utm_term=.2b9c9b089451)>. Acesso em: 3 ago. 2018.